

# CARTA-DIÁRIO: EXPERIMENTAÇÕES DE KLEE

Jessé Pinto Campos<sup>1</sup>

## resumo

O ensaio busca experimentar os blocos de infância de Paul Klee em seus Diários e obras de arte, em diálogo com a Filosofia da Diferença de Deleuze e Guattari. Tal caminho diagramará linhas entre arte, filosofia e educação para criar um conceito de aula-acontecimento. Uma aula-acontecimento se agencia nas cores e intensidades dos blocos de infância Klee nos quais habitamos multiplicidades de um novo pensar a educação para além das estruturas dominadoras. Nesse ensaio, transbordamos os espaços de dominação e adentramos nas singularidades, linhas de fugas, travessias, rizomas, ocupações minoritárias da arte menor em seu encontro com uma aula-acontecimento. Em suma, as linhas finais dançam nos ritornelos de uma aula-acontecimento nas ressonâncias Klee por suas experimentações das cores da infância as quais abraçamos na potência da vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aula-acontecimento. Bloco de Infância. Paul Klee.

## abstract

The essay seeks to experience Paul Klee's childhood blocks in his Diaries and works of art

---

1 Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação na Amazônia (PGEDA), vinculado a Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (UFPA). Graduado em Letras – Habilitação em Língua Inglesa (UFPA). Membro do Grupo de Pesquisa ANARKHOS – Micropolíticas, Arte-Performance e Experimentações Literárias na Educação. E-mail. [jesscampos@ufpa.br](mailto:jesscampos@ufpa.br).

in dialogue with Deleuze and Guattari's Philosophy of Difference. Such research will develop between art, philosophy, and education to create an event-class concept. An event-class acts on the colors and intensities of the Klee childhood blocks in which we inhabit multiplicities of new thinking about education beyond the dominant structures. In this essay, we overflow the spaces of domination and enter the singularities, line of flight, crossings, rhizomes, minority occupations of minor art in its encounter with an event-class. To sum up, the final lines dance in the refrains of an event-class with Klee's resonances for their experimentations of childhood colors which we embrace in the power of life.

**KEYWORDS:** Class-event. Childhood Block. Paul Klee.

---

## 1. querido diário!

Escrevo esta carta-diário para um passado que vive em mim e para um futuro que sempre me traz relação com o passado. Todavia, não escrevo pelo ressentimento do tempo, pelo contrário, é nesse percurso que busco experimentar um tempo de criação, este que não se sucede por uma linearidade ou por uma ordem concluída de acontecimentos. É pulsão de vida!

Nesse ponto vou redescobrir as sensações que as cores me despertaram ao longo da minha formação:

As cores começam a tingir o céu. O tom de azul da tarde começa a ganhar um alaranjado peculiar. Na frente da igreja, observo as cores do fim da tarde se misturando a cada segundo. Ouço o barulho das marés indo e vindo. Vejo o fluxo de pessoas se movimentando pela terra branca da praia, mudando os encontros de cores a cada instante.

O alaranjado vivo se esvanece e um tom rosa segue a se apagar até o escuro aparecer. A noite sucede. As luzes e sombras começam a dançar na melodia de um novo amanhã floreado de verde. As cores da manhã se misturam com o clima caloroso do dia. Nesse novo fio do novelo, admiro: o verde das praças, o brilho do sol a reluzir na água calma do rio.

No despertar do dia, ainda observo a lua se fazer presente no céu. O tom azul se mistura com o branco da lua a se despedir com a chegada do sol. Na manhã, sigo a ir à escola. No trajeto, observo as cores que compõem o caminho. As vielas cinzas me guiavam rumo a mais um dia. Nas dobras do caminho, observo a paisagem se complexificando. As casas tinham cores e tamanhos diferentes. O tamanho não tinha como mensurar com precisão, meu olhar era pequeno, assim como minha estatura... pequeno, mas jamais limitado de imaginação.

Na escola lembro de abraçar minha tia logo na entrada... Lembro do tom terroso que tinham as carteiras. Lembro do tom rosa da fachada da igreja que ficava ao lado da escola, lembro de um coreto colorido, que, de vez em quando, me aventurava a escalar. Em outra escola lembro do colorido do carrossel, imobilizado por acidentes anteriores (pelo menos era isso que contavam). Era triste ver uma possibilidade de diversão freada. Lembro do tom de ferrugem do escorrega bunda que sempre fazia barulho em sua decida.

Lembro das temporadas de ameixas que deixavam nossas mãos roxas, assim como nossos uniformes – mamãe queria me matar (sentido figurado, às vezes, nem tanto). Lembro dos agenciamentos de cores que as festas do folclore promoviam. Nessas festas era uma explosão de cores e personagens: tinha a sinhazinha, o sol, a rainha da pimenta, rainha do açai e a história do boi era contada como ápice da apresentação. Horrorizado sempre ficava pelo desfecho da história. Lembro das cores das fantasias que vesti. Lembro da capa do livro de história e geografia e lembro das capas coloridas que colocávamos neles, era uma capa com listras horizontais e verticais com tom entre vermelho e branco... Lembro que tinha outros livros com as mesmas linhas, mas era um encontro de verde limão e branco.

Lembro da cor do meu caderno de prova, o qual as professoras organizavam para os alunos com papel com pauta e uma capa bem singular. Lembro das aulas de matemática que não entendia nada, mas tinha medo de perguntar algo pro professor.... Me lembro do quadro negro e do desespero que batia quando a professora já ia apagar o lado que ainda não tinha terminado de escrever.... Tais lembranças, talvez, vão estabelecer conexões com suas memórias e lhe despertar sensações.

## 2. blocos de infância de Klee

Nosso intuito é mergulhar nessas memórias involuntárias, a fim de estabelecer linhas as quais fabulamos uma infância por um tempo perdido que habita em mim, mas que tocará você. As cores da infância vão pintando as telas da nossa formação, ao ponto que as luzes e sombras vão compondo a profundidade da nossa vida em uma tela viva, que a todo momento cria novas linhas e sensações! Nessa composição redescoberta, tentei experimentar as cores vivenciadas nas singularidades da infância onde redescubro possibilidades de fazer fluir um fluxo de vida ao solo da educação.

Tal carta-diário se debruça, também, pelas experimentações de Paul Klee. Para esse acoplamento, traremos seu relato biográfico escrito em seus "Diários" e algumas obras de arte. Paul Klee caminhou por uma trama rizomática de estilos, sua trajetória se entrelaça pelos caminhos que percorreu, pelos possíveis que experimentou e criou, pelos acontecimentos que modificaram seus rumos, pelas escolas e os ateliers pelos quais pousou por algum tempo, podemos dizer, que ocupou a arte por um traço nômade.

Nessa trajetória de Klee, poderíamos traçar uma linha cronológica e dizer que nasceu no dia 18 de dezembro de 1879, e que seu pai era professor de música no Colégio Cantonal de Professores de Hofwyl, que sua mãe era suíça e que começou a estudar na primavera de 1886. Todavia, não iremos traçar uma linha administrada dos acontecimentos. Ao invés disso, operaremos por blocos de infância, isto é, não se opera por uma memória ressentida ou pelas marcas de um passado que imobiliza a nossa criação. Invés disso, é agir, assim “como bloco de infância e não como lembrança de infância, aguçando o desejo em vez de fazê-lo baixar, deslocando-o no tempo, desterritorializando-o, fazendo proliferar as conexões, fazendo-o passar por outras intensidades”<sup>2</sup>

Klee era um nômade. Toda sua caminhada foi experimentada pelos lugares que vivenciou. O desejo de viver a arte o levou por bifurcações e desvios pelos quais habitou no presente do acontecimento. Klee (1990) conclui sua educação geral e podia escolher qualquer carreira, decidiu “estudar pintura e dedicar minha vida à arte, apesar do risco que implicava essa carreira”<sup>3</sup> Klee (1990), assim, correu o risco de viver por um desconhecido que o mesmo não cessou de habitar, assim, fluiu a vida inteira pelo seu fluxo de desejo.

Um acontecimento que agenciou os primeiros traços de Klee (1990) ocorreu quando “Minha avó, sra. Frick, ensinou-me desde muito cedo a desenhar com lápis de cor”<sup>4</sup>. Os primeiros traços foram experimentados em diversos lugares e tempos. Klee lembra de uma certa ocasião em que desenhava um cavalo e um carrinho no restaurante do seu tio Frick. Quando terminou, um freguês indagou: “Sabe o que você esqueceu?” Achei que ele estava falando num certo órgão que os garanhões tem, e respondi com silêncio obstinado [...]. No fim, ele mesmo respondeu: “Os arreios”<sup>5</sup>.

O bloco de infância age por um signo, pelo qual suspende os “arreios” da dominação e segue o fluxo livre do desenho. Não cabe ao cavalo seguir em sua jornada preso pelas linhas da dominação. Em “O carrossel” (1889), aos dez anos desenha um carrossel sem o mastro de fixação dos cavalos.

---

2 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*: por uma literatura menor. 2ª ed. Tradução de Cíntia Vieira da Silva Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 21.

3 KLEE, Paul. Diários. Tradução de João Azenha Jr. 1ª ed. Martins Fontes, São Paulo. 1990, p. 11.

4 KLEE, Paul. *Op. cit.* 1990, p. 14.

5 KLEE, Paul. *Op. cit.* 1990, p. 16.

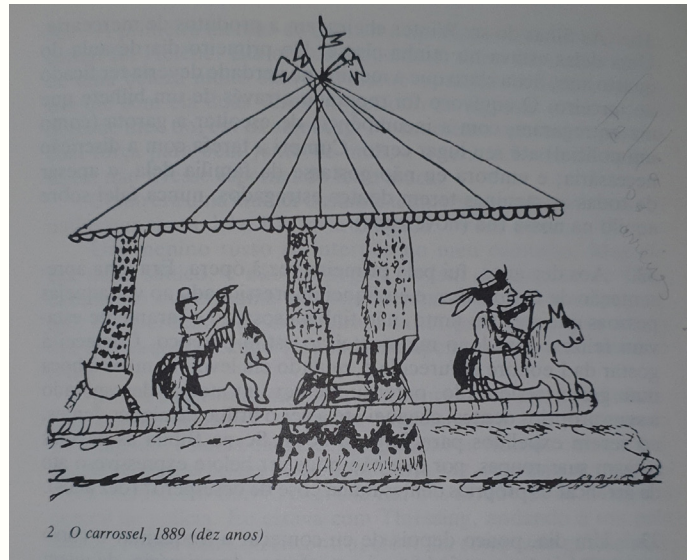


Figura 1. O Carrossel, 1889.

O giro do carrossel é o movimento contínuo que segue no bloco de infância, o qual não se aprisiona, não cerceia, não coage, não limita. O giro do carrossel se difere a cada volta, já que, sem o mastro, as voltas são singulares. Ainda nesses giros, as obras nos apresentam diversas entradas, entradas as quais podemos experimentar: "Caminhos Principais e Caminhos Secundários"<sup>6</sup> (1929):



Figura 2. Caminhos Principais e Caminhos Secundários (1929).

6 Caminhos Principais e Caminhos Secundários, 1929, óleo sobre tela: 83,7x67,5 cm, Ludwig Museum, Colónia.

Uma aula-acontecimento se faz por caminhos indefinidos a produzir diversos mapas e possibilidades em todas as direções possíveis. Desta forma, a aula-acontecimento pinta-se por caminhos principais, secundários e/ou outros caminhos. Assim como a obra de Klee (1929) nos lança, são esses caminhos possibilidades de ocupações criadas pela experimentação do mundo da arte e da vida.

“É claro que com os adultos tudo é diferente, eu pensava com meus botões”<sup>7</sup>. Klee pensa pelos seus botões, isso implica em não compreender certos rigores e costumes dos adultos. Em outras palavras, é não seguir certos caminhos já experimentados. Klee não compreendia porque sua mãe ficava elogiando o tenor, Klee “imaginava o seguinte: nem personagens, nem figurinos, isso é coisa de criança, mas um homem de fraque, com a partitura na mão. No máximo um cenário bem simples, um quarto monótono”<sup>8</sup>.

A monotonia que Klee critica se pauta no elogio ao tenor como ponto central. O tenor enquanto o único a ser elogiado quando a sinfonia termina. Invés desse ponto de luz ao canto, era preciso lançar o olhar inocente às singularidades dos figurinos, dos personagens, das melodias que eram singularmente produzidas nos diversos instrumentos. Essa é a diferença primeira em ser adulto, o olhar acostumado, ao invés da inocência da criança que tem olhar livre sem julgamento.

### 3. linhas finais

Essa carta-diário elogia a infância como um convite a experimentar um novo olhar, para assim, criar novas intensidades, novos encontros e novas conexões. A carta-diário termina, porém não se encerra. Os blocos de sensações vão continuar a se produzir e a se conectar, a lançar novos abismos e possibilidades. A aula-acontecimento não se fecha ao espaço escolar, pelo contrário, transborda-o, por uma intensidade singular de infância. Ame as coisas ínfimas, tenha um olhar livre dos julgamentos... Crie na inocência um novo mundo por suas singularidades imaginativas. Viva!

### referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. 2ª ed. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

KLEE, Paul. *Diários*. Tradução de João Azenha Jr. 1ª ed. Martins Fontes, São Paulo. 1990.

KLEE, Paul. *Paul Klee Equilíbrio Instável*. Exposição organizada pela curadoria de Fabienne Eggelhöfer, Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, 2019.

---

7 KLEE, *Op. cit.* 1990, p.15.

8 KLEE, *op. cit.* 1990, p.15.